

De volta ao futuro da língua portuguesa.  
Atas do X<sup>o</sup> CONGRESSO Mundial de Estudos de Língua Portuguesa  
Simpósio 3 - Literatura em trânsito: em viagem à casa do outro, 1369-1379  
ISBN 978-88-8305-127-2  
DOI 10.1285/i9788883051272p1369  
<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

## GEOGRAFIAS DO PRECÁRIO: UM ESTUDO DA FICÇÃO DE JOÃO GILBERTO NOLL

Analice de Oliveira MARTINS<sup>28</sup>

### RESUMO

A obra do escritor João Gilberto Noll tem construído, pelo viés do imaginário ficcional, uma certa ética da deriva. Personagens permanentemente em trânsito, desapossados de seus lugares de origem, em fuga, errância voluntária, exílio ou retorno frustrado, tematizam, em qualquer dessas situações, a condição de estrangeiridade. Em *Estrangeiros para nós mesmos*, Julia Kristeva afirma que o estrangeiro é “a face oculta da nossa identidade” e “o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia”, carregando em sua trajetória de desenraizamento tanto uma “memória magoada” quanto uma “promessa de felicidade”. Este artigo pretende analisar, em particular, como a prosa de ficção de João Gilberto Noll tem-se valido dessa ética da deriva para colocar em xeque lugares identitários e lugares de passagem, intercambiáveis, “não-lugares”, na formulação de Marc Augé. Porto Alegre, Rio de Janeiro, Berkeley, Bellagio, Chicago, Cidade do México compõem uma geografia rarefeita e precária marcada antes por deslocamentos ininterruptos do que por fixidez e enraizamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estrangeiridade; Geografia; João Gilberto Noll; Trânsito.

Em entrevista ao caderno *Mais!* da *Folha de São Paulo*<sup>29</sup>, em 2003, o escritor argentino Ricardo Piglia estipulou, para o imaginário literário contemporâneo, um paradigma centrado em *Ulisses*, de James Joyce:

... há uma idéia cristalizada em torno de *Ulisses* como modelo de construção da subjetividade, entendida como o movimento que implica a errância e a perda do lar; quer dizer, o sujeito se constitui como tal na condição de forasteiro, como aquele que chega a um lugar ao qual não pertence e que lhe

---

28 IFF (Instituto Federal Fluminense Fluminense), Coordenação da Licenciatura de Letras, Rua Dr. Siqueira, nº 273, CEP: 28030-130, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil, [analice.martins@terra.com.br](mailto:analice.martins@terra.com.br)

29 Entrevista concedida por Ricardo Piglia ao caderno *Mais!* da *Folha de São Paulo*, em 15 de junho de 2003, intitulada *Letras mestiças*, em que ele comenta o romance que estava escrevendo, da mistura de gêneros que define a literatura moderna, da preferência deste leitor pelas narrativas policiais e da substituição da ideia de destino pela de complô nos romances contemporâneos.

causa um profundo estranhamento. Isso tem muito a ver com o imaginário contemporâneo.

Ao falar sobre a reestruturação das narrativas a partir de outros registros e outras vozes, comenta a opção de Joyce em retomar a *Odisseia* e não a *Iliada*, de Homero, elegendo, portanto, o momento romanesco da história privada do sujeito moderno e não o momento épico: “Isso leva a pensar que a subjetividade não está em Édipo, o sujeito estruturado, mas em Ulisses, o sujeito vagabundo ou errante”.

Reconhecer a viagem como *topos* na literatura não é nenhuma novidade, em especial a viagem entrevista como processo formativo da subjetividade dos sujeitos. Esta lógica, porém, se rompe na literatura brasileira contemporânea das últimas três décadas. A ficção do escritor João Gilberto Noll desenha, no trânsito incessante de suas personagens, uma espécie de contra-viagem, que dissocia o percurso espaço-temporal do percurso formativo do sujeito. Tais narrativas, estariam, então, na contramão dos romances de formação do século XVIII. A despreocupação com a chegada, com o retorno, com um termo, intensificaria a experiência das identificações vertiginosas do presente. Sua realização, não o seu termo, seria o elemento propulsor da viagem.

Há, em *Rastros de Verão* (1986), *Hotel Atlântico* (1989), *A céu aberto* (1996) e *Berkeley em Bellagio* (2002), personagens que estão sempre em deslocamento, em trânsito constante. Personagens de partida, de chegada a terras estrangeiras, de passagem. Nenhuma delas em viagem pré-estabelecida, salvo aquelas que, por razões profissionais, permanecem transitoriamente em cidades de outros países. São, então, caminhantes, viajantes, estrangeiros: nômades.

A recorrência dessa temática em parte da prosa contemporânea brasileira põe em xeque antigos pertencimentos, problematiza os desenraizamentos espaciais e a reconfiguração de novos territórios. Julia Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), mapeia sentimentos, impressões, julgamentos, situações constitutivas da condição de estrangeiro:

A felicidade parece transportá-lo apesar de tudo, porque alguma coisa foi definitivamente ultrapassada: é uma felicidade do desenraizamento, do nomadismo, o espaço de um infinito prometido... A felicidade estranha do estrangeiro é a de manter essa eternidade em fuga ou esse transitório perpétuo (Kristeva, 1994: 12).

Nesse presente vertiginoso em que se lança, qual “trem em marcha”, “avião em pleno ar” (Kristeva, 1994: 15), não há paradas definitivas, apenas encontros transitórios:

“O encontro equilibra o nomadismo” (Kristeva, 1994: 18). Estes encontros são vivenciados, entretanto, desvairadamente, sem saber quem se vê ou quem se é mesmo, “num caleidoscópio de identidades” (Kristeva, 1994: 21), de “falsos selfs”:

O território ameaçador do outrora (família, sangue, solo) constitui-se um assédio constante, mesmo que o estrangeiro tenha escolhido depositar suas esperanças em *outro lugar* ou em *lugar algum*: “Em outro lugar, oposto à origem, e mesmo em *lugar algum* oposto às raízes. (...) Ele é estrangeiro, é de parte alguma, de todo lugar, cidadão do mundo, cosmopolita. Não o remeta às suas origens”. (Kristeva, 1994: 36)

Fica bastante evidente, na discussão proposta por Kristeva, que a fuga errática não promove um desenraizamento completo. Assim como o enraizamento arbitrário, o *outro lugar*, “tão seguro quanto inabordável” (Kristeva, 1994: 13), está alicerçado em uma certa precariedade linguística e na provisoriade de um encontro. O vagar contínuo arremessa o estrangeiro em um “caleidoscópio de múltiplas identidades”.

Nelson Brissac Peixoto, em *Cenários em ruínas* (1987), estabelece, a partir da análise de alguns filmes americanos, certas condições contemporâneas retomando a mítica do estrangeiro<sup>30</sup>, do forasteiro, daquele que acabou de chegar a um lugar, sendo capaz de ver aquilo que os que lá estão não são mais capazes de ver.

O olhar daquele que se desloca, assim como seus propósitos, agrupam-nos em viajantes, passageiros e estrangeiros. Nesta perspectiva, o viajante é aquele que procura, na deriva da espacialização, um lugar que lhe sirva de referência. Para ele, é necessário desfazer continuamente a própria identidade em processos infinitos de estranhamento. A viagem é, então, contra-viagem, pois não se parte para chegar a lugar nenhum, mas apenas para deixar para trás tudo aquilo que torna a vida insuportável.

Nas análises feitas por Peixoto, o viajante é aquele que parte em função de um estranhamento, de um abandono. Essa situação o torna um homem da fronteira, um homem sem lugar, para quem o deserto “aberto, horizontal e sem fim” (Peixoto, 1987, 92) é o lugar possível e desejável, por intensificar talvez o estado de suspensão em que se encontra. Nesses espaços abertos, nada pode ser escondido. As distâncias somam-se e diluem-se, uma vez que a casa – abandonada - não é mais espaço de referência.

A percepção da própria identidade vai sendo, então, gradualmente abalada. O deslocamento promove uma volatilidade nas identidades anteriormente estabelecidas,

---

30 Nelson Brissac Peixoto resgata, em artigo intitulado “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”, publicado na revista USP, número 15, set.-out.-nov. de 1992, as alegorias benjaminianas de “construir topograficamente a cidade”: o *flâneur*, o viajante e a criança.

gerando, “processos sucessivos de simulação” (Peixoto, 1987: 130), em que uma identidade remete a outra infinitamente, corroborando o esfacelamento identitário em proveito da multiplicação de máscaras assumidas nesses trajetos performatizados.

Tais processos de simulação remetem também a uma noção de “equivocidade” constitutiva desses viajantes que se tornam passageiros. Na condição de passageiros e não mais de viajantes, acentua-se o crescente processo de desenraizamento que os faz ter a ilusão de que um completo desconhecido seja aquele que estão buscando. A necessidade de encontrar alguém torna-se uma obsessão inócua, pois os objetos dessas possessões, muitas vezes corporais, não são capazes de refletir a imagem desses homens sem rosto.

Assim, “...a viagem se converte no abandono definitivo do lugar. A errância provoca uma proliferação de lugares, uma extensão infinita de espaços, onde podem desaparecer” (Peixoto, 1987: 137). Esta mobilidade contínua e ininterrupta provoca, na vertigem da deriva, o desmoronamento e a desintegração de tudo ao redor. A provisoriidade da nova identificação espacial ou corporal anula qualquer lugar determinado para onde este viajante esteja indo. O que resta é apenas um vagar perpétuo ou um incessante desejo de alguém que se possa ser provisoriamente: “O momento de maior proximidade a outro, quando se adota a identidade de alguém, é ao mesmo tempo a evidência do estranhamento: a nova figura é oca, lhe escapa”. (Peixoto, 1987, 138)

Este salto na vida do outro e a certeza de que tudo pode se transformar em outra coisa são elementos de uma despossessão desejada. Entretanto, alerta Peixoto, “... uma substituição de identidade não é equivalente a um renascimento em outro lugar” (1987: 141). Sendo assim, não há encontros definitivos, pois o itinerário não pode ser interrompido.

A categoria de estrangeiro, para o autor, potencializa a errância caracterizadora das viagens empreendidas por “esses seres feitos de fluxos, que só existem ‘in motion’, em movimento” (Peixoto, 1987: 105), para quem o movimento é o seu próprio território.

*Outsider*, *disenfranchisement*, *depaysé*, *deraciné* são termos que atestam o esforço teórico de nomear esta postura nômade que, segundo o sociólogo francês Michel Maffesoli (2001), é uma constante antropológica.

Assim, em *Hotel Atlântico*, o personagem não se reconhece no espelho, afirmando ser de “uma terra remota, obrigado a enfrentar diariamente as maiores intempéries” (Noll, 1989: 32). Em *A céu aberto*, esfingicamente também diante de um

espelho, o personagem percebe o esfacelamento de pertencimentos anteriores e à sua volta: “... uma vez ou outra chegava perto de um espelho e analisava que no outro lado além de mim não havia mais ninguém e eu possuía contornos me resguardando das formas que pareciam desmanchar em volta...” (Noll, 1997: 616).

Ao abandonar o território, o imigrante cria uma fissura na sua identidade histórica, tornando-se fonte de inquietação, como assevera Marc Augé, em *Não-lugares*: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade:

Se os imigrantes inquietam tanto (e muitas vezes de maneira tão abstrata) as pessoas instaladas, talvez seja, em primeiro lugar, porque eles lhes demonstram a relatividade das certezas inscritas no solo: é o emigrante que os inquieta e fascina, ao mesmo tempo, no personagem do imigrante. (Augé, 2001: 109)

Por um pensamento homólogo, é possível derivar a sensação prazerosa experimentada pelos praticantes dos não-lugares. Absortos de suas condições de enraizamento, fruem uma solidão partilhada, comungada, que os abriga, às avessas, e que os faz privar de familiaridades insuspeitas.

Entretanto a fruição do não-lugar, arbitrariamente frequentado pelos indivíduos contemporâneos, não anula a força atrativa dos lugares antropológicos. Por isso mesmo, lugar e não-lugar constituem “polaridades fugidias” que se misturam e se interpenetram. Por isso, igualmente, a volta ao lugar, segundo Augé, é artifício de quem frequenta os não-lugares.

As narrativas do gaúcho/carioca João Gilberto Noll ficcionalizam, de certa forma, uma trajetória das individualidades contemporâneas, assim como promove, em alguns momentos, uma desreferencialização bastante radical do espaço geográfico, sem contudo apagar as marcas da condição urbana. Talvez, mais do que qualquer outra em seu conjunto, a ficção de Noll traga à baila personagens em trânsito, deslocando-se não só por lugares e não-lugares como também por outras individualidades, outros “selfs”. O nomadismo é um elemento estruturante e uma constante.

Sua ficção explora há algumas décadas não propriamente um único personagem, como já insistentemente se analisou, mas uma condição que rasura e trai estabilidades, criando territórios a partir da performatividade de muitos itinerários.

*Rastros do Verão* traz, na figura do narrador, o personagem que retorna à terra natal já desapossado do seu passado. Porto Alegre é apenas uma abstração, o espaço do abandono: “Vi o brilho fosco da água, e ao mesmo tempo me dei conta de que tinha

abandonado tudo. Pessoa por pessoa. Os objetos eu não os tinha trazido, salvo um dinheiro que daria por alguns dias” (Noll, 1997: 334).

Esse desencajamento, evidenciado na ausência de pertences, de qualquer mala que fosse, não é superado, como poderia parecer, à primeira vista, no reencontro familiar. Não há encontro, nem resgates, nem pai. O encontro que se dá não está na volta a casa, à família, mas na aproximação com o garoto — atualização de seu passado de partidas, promessa de outros portos, reafirmação do trânsito ininterrupto.

O personagem que retorna a Porto Alegre reafirma sua condição de viajante na experiência observada em outrem. O personagem que retorna a Porto Alegre é amante da geografia, não da história:

... e falei que às vezes eu pensava dedicar o resto da minha vida ao estudo da geografia. Para mim poucos prazeres se igualavam ao de abrir um mapa e de estudá-lo com empenho quase religioso: abrir pontes, irrigar, destruir exércitos e intrigas — tudo isso poderia no futuro representar para mim quase a salvação (Noll, 1997: 339)

O personagem que retorna a Porto Alegre reafirma sua condição de nômade, conforme a definição de Nelson Brissac Peixoto: “Os nômades não têm história, só geografia” (1987: 82). Mesmo que seja uma geografia rarefeita: “Eu andara esses anos todos por aí e que história pessoal eu poderia contar? Por essa geografia rarefeita quem tinha gerado comigo alguma memória duradoura?” (Noll, 1997: 333)

A viagem vai tornando a vida à sua volta “rala”. A aproximação de Porto Alegre, mesmo não pretendida, vai vaticinando a morte do personagem. Para aqueles que só existem “in motion”, em movimento (Peixoto, 1987: 105), o retorno, mesmo que involuntário, decreta a morte. Não é à toa que, fracassado o encontro com o pai e diante da partida do garoto, afigura-se-lhe o imperativo do deslocamento: “vamos em frente” (Noll, 1997: 370).

*Hotel Atlântico* rasura a ideia canônica de viagem e potencializa as “trajetórias sem destino” (Moriconi, 1987, 22). O personagem-narrador guarda consigo um mapa — cartografia cristalizada de lugares — que, na rodoviária, percorre descompromissadamente, com os olhos. Minas, São Paulo, Paraná, decidindo-se por Florianópolis. Mapa que, de imediato, abandona em um banco qualquer da rodoviária, abandonando qualquer imobilidade pressentida naquela cartografia e optando pela configuração do próprio deslocamento, por espaços a serem construídos nos itinerários do próprio arbítrio. Por isso, a compra da passagem é o passaporte do anonimato.

A viagem para Florianópolis desdobra-se sem a menor previsão, aleatoriamente, sem qualquer direção: “A coisa me saiu assim, como poderia ter saído para qualquer outra–direção geográfica. O que me importava é que eu precisava continuar dando rumos à minha viagem”. (Noll, 1989: 30).

*Hotel Atlântico*, essa espécie de “road movie” dos anos 80 na prosa brasileira, consubstancia a já mencionada “geografia rarefeita” da ficção de Noll. As demarcações geográficas são pontos de passagem (Pomar, Viçoso, Arraiol). O personagem não se detém nelas. Em certa medida, começa a fugir não só de uma, mas de uma sucessão de mortes, como também da iminência da sua própria, quando percebe que os homens (Léo e Nélon), que lhe haviam dado carona em direção ao oeste catarinense, resolvem matá-lo para que não revelasse o que ele mesmo desconhecia.

Assim, a viagem libertadora começa a se transformar em uma sucessão não causal de episódios justapostos, uma sucessão de equívocos, como já raciocinara o personagem-narrador de *Rastros do Verão*: “Pensei que a vida era a passagem desses pequenos equívocos. Uma sucessão de equívocos. Uma sucessão de equívocos acima de qualquer controle” (Noll, 1997: 347).

É na condição de ator (sem sabê-lo) que o personagem viaja, cambiando outros “selfs” gratuitamente, como quando veste a batina de um padre falecido, por não ter roupas, por não ter bagagens. A identidade esvaziada vai paulatinamente sendo preenchida por outros “selfs”, incorporando histórias alheias.

A degradação, apenas pressentida na imagem do espelho do hotel de Copacabana, vai se adensando já agora na perna amputada. À medida que esse viajante vai se aproximando de sua cidade natal vai se distanciando de qualquer identidade anteriormente estabelecida e reconhecível.

A narrativa de *Hotel Atlântico* dá forma ao esgarçamento das identidades pré-estabelecidas a partir da sucessão de equívocos que constituem a viagem do personagem-narrador. Os equívocos que vão arremessando o personagem na experimentação de outros “selfs” deflagram, na multiformidade do projeto ficcional de João Gilberto Noll, “processos sucessivos de simulação” que, em *A céu aberto*, firmam as noções de equivocidade e de factício, postuladas por Nelson Brissac Peixoto, para caracterização da condição de passageiro.

A noção de equivocidade, pressentida na vertigem da viagem em *Hotel Atlântico*, estrutura o romance *A céu aberto*, que instaura uma nova faceta do projeto

ficcional do autor: o pertencimento a partir das identificações múltiplas e simultâneas. Legitima-se o factício das “marginalidades desapossadas”.

Se o primeiro dos deslocamentos se dá por terra, até o acampamento militar, onde o pai estava, o último dá-se pelo mar, em um navio. Se o primeiro obedece à premência de salvar o irmão doente, o último cumpre a tentativa de salvar a si mesmo. O primeiro a pé, ao rés-do-chão, o último, escondido em uma cabine, sem ninguém lhe notar a presença e a existência. O primeiro ainda na condição de adolescente à procura do pai, o último na condição de homem maduro e cansado de si e do mundo. O primeiro no intuito de existir para o pai, o último no desejo de sobreviver ou de apagar-se. O primeiro com destinação certa, o último para qualquer porto, todos os lugares, todos os portos, nenhum porto.

A narrativa talvez mais desterritorializada<sup>31</sup> de João Gilberto Noll introduz uma instigante proposta de pertencimento e de territorializações corporais, longe de qualquer resquício do desconforto ainda evidenciado em *Hotel Atlântico*.

Nesta narrativa de 96, a obra de Noll encena e tematiza uma radical desreferencialização das marcas geográficas, presentes, ainda que rarefeitas, em narrativas anteriores. Interessante observar o acirramento desse processo de desterritorialização tanto na multiformidade do projeto do autor quanto em um certo panorama da prosa brasileira da década de 90.

Assim, em *A céu aberto*, a nomeação da cidade do Rio de Janeiro é apenas fortuita, na referência ao programa que televisonava o carnaval carioca. As cidades e regiões mencionadas fazem parte de uma cartografia estrangeira e estranha: Estocolmo, Uppsala, Malmö, Gotemburgo. Não há cartografia que se sustente minimamente, embora haja espaços praticados e pontuais: o acampamento, a casa de Artur, o paiol, a cabine do navio.

Paralela à rarefação das territorialidades espaciais em *A céu aberto*, dá-se a profusão das territorialidades corporais. A fratura da identidade espacial promove o deslocamento para os pertencimentos corporais e múltiplos. O corpo progressivamente mutilado do personagem de *Hotel Atlântico*, o corpo que perde os sentidos diante do mar da infância, na cidade de origem, multiplica-se agora em lugares e não-lugares excluídos de qualquer geografia convencional, de qualquer mapa conhecido.

---

31 Em *A céu aberto*, não há nem Porto Alegre nem Rio de Janeiro (só na alusão ao carnaval televisionado), nem Boston, nem Berkeley, nem Bellagio, embora haja a Suécia, que é apenas um nome ou pouco mais do que isso na economia da narrativa.



*A céu aberto* substitui a desintegração identitária de *Hotel Atlântico* pelo preenchimento de múltiplas identidades. Corpos e sexualidades metamorfoseados, construídos imaginária ou arbitrariamente, simulam um sucessivo e, quase exaustivo, processo de multiplicação de identificações, em que, talvez, o pertencimento pelo corpo alheio, como o do irmão/mulher, seja uma forma de prolongar a família e a casa que não existem, nunca sequer existiram senão como encenação, como deriva, como deslizamento em direção a um outro aparentemente estranho, mas igualmente familiar: “Não, o meu irmão não morrera naquele corpo de mulher, ele permanecia lá dentro esperando a sua vez de voltar...” (Noll, 1997: 622).

*Rastros de Verão*, *Hotel Atlântico* e *A céu aberto* desenham, com nitidez, a multiformidade do projeto ficcional de João Gilberto Noll. A sequência cronológica dessas três narrativas aponta o aguçamento da desreferencialização de espaços e identidades. Não é procedente, entretanto, decretar, em sua obra, a morte das individualidades nem o apagamento das significações espaciais, mesmo que se supere um discurso localista.

Em 2002, João Gilberto Noll publica *Berkeley em Bellagio*, narrativa provocante enquanto chave de releitura de sua própria produção ficcional. Ao longo demais de duas décadas, desde a publicação de *A fúria do corpo*, em 1981, o escritor fez desfilar uma galeria de personagens anônimas, praticamente desbiografadas, em trânsito constante e, até certo ponto, aleatório: personagens “desimpedidas das urgências do mundo”.

São essas personagens nômades, multiplicadoras dos próprios selfs, que são tomadas de assalto por João, personagem nomeado e biografado de *Berkeley em Bellagio*. São também os espaços não identitários, percorridos pelo atropelo e pela pulsão de fluxo ininterrupto, que se reconfiguram, obliterando a vertigem de uma sucessão de partidas sistemáticas e sem qualquer projeto norteador.

*Berkeley em Bellagio* põe em xeque uma certa ética da deriva, estruturante da obra desse gaúcho de nascimento, mas também senhor de outros tantos pertencimentos. O personagem (também João) que retorna a Porto Alegre, a cidade natal, não o faz pelo acaso da própria deriva, como em *Hotel Atlântico*. Nem se vê diante da morte, ao fazer cessar o deslocamento constante. Ao contrário opta pelo retorno, como também anteriormente escolhera a partida e as estadas profissionais na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e, em Bellagio, na Itália. Retorna como estrangeiro, privado da própria língua, pela sobreposição de uma outra. Retorna para assumir novos pertencimentos, na condição de pai da filha de seu ex-amante.

João, escritor, personagem desse outro João (Gilberto Noll), retorna e se “reconcilia com sua história e geografia”. Encontra, nesse retorno, em vez da morte de *Hotel Atlântico* ou mesmo do desencontro de *Rastros de Verão*, alguma felicidade ainda que precária e cotidiana. Há, portanto, um retorno feliz em *Berkeley em Bellagio*. Assim como também parece haver abrigo para a solidão que acompanha aqueles que, como “trem em marcha” e “avião em pleno ar”, lançam-se no desterro das partidas infundáveis.

Não há, entretanto, nesse retorno uma reafirmação essencialista do espaço original, há sim um movimento em expansão, como declara o autor em outra entrevista: “Ele volta para a cidade, mas é uma cidade em expansão, que se debruça sobre si mesma. Vai apresentar aquela que pode ser a filha dele, e que adota, e que divide a paternidade com outro homem, e leva essa menina para um campo de refugiados para que conheça outra menina que não sabe ainda a língua dela, o português. E talvez consiga uma ponte linguística. É um livro em expansão. Nada contra as raízes, mas que essas raízes se expandam. É um livro que adere a uma certa mundialização”<sup>32</sup>.

O retorno não é reafirmação do espaço original nem de um discurso localista. Ao contrário, tal mundialização continua a corroborar uma geografia tão precária quanto móvel.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Augé, Marc. 2001. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus.

Kristeva, Julia. 1994. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco.

Maffesoli, Michel. 2001. *Sobre o nomadismo*: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record.

Moriconi Jr., Italo. Maio/dez. 1987. Tentando captar o homem-ilha. *Matraga*. vol. 1, n. 2/3, Rio de Janeiro: UERJ.

Noll, João Gilberto. 1989. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

\_\_\_\_\_. 1997. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. 2002. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva.

---

32 Depoimento publicado no livro *O lugar do escritor*, de Eder Chiodetto, em 2002, pela Cosac & Naify

Peixoto, Nelson Brissac. 1987. *Cenários em ruínas: a realidade imaginária contemporânea*. São Paulo: Brasiliense.

